

Brasileiro discriminado deixa escola

Giulliano foi agredido por colegas e teve que mudar para sala especial no Japão. Como milhares de alunos, não suportou pressão

Juvenal Shintaku
International Press/Japão
Especial para o **Correio**

Tóquio — A imprensa nipônica ocasionalmente noticia suicídios entre adolescentes que não suportam maus-tratos na escola. Na semana passada, o caso envolvendo o brasileiro Giulliano Andreolli Oshirom, de 14 anos, reacendeu discussões em relação ao mal que assola o universo escolar japonês.

Ele se viu forçado a abandonar os estudos devido a discriminações que vinha recebendo desde que começou o 1º ano ginasial na escola Kiyohara de Utsunomiya, província de Tochigi (cerca de 100 quilômetros ao norte de Tóquio).

O incidente trouxe à tona as diversas ocorrências de maus-tratos, não só contra estrangeiros, nas escolas japonesas. Segundo dados da Agência de Coordenação e Gerenciamento do Japão, de 1993, o número de crianças que se negou a frequentar a escola foi de 49.212, no ginasial, e 11.469 no curso primário.

Segundo o pai do garoto, Luiz Oshiro, 46, a origem de tudo teria sido em agosto do ano passado, quando um grupo de meninos começou a ofender Giulliano por ele não falar japonês fluentemente. O incidente acabou em agressão física.

“Sempre adverti meu filho a não ser o primeiro a bater, mas nunca deixar de se defender”, disse Luiz.

DESFORRA

O garoto revidou os socos recebidos e relatou aos pais o ocorrido. “Telefonei para a direção da escola e cobrei uma providência. Não poderia deixar que meu filho apanhasse no colégio”, conta o pai. “Foi aí que as coisas pioraram.

Os professores chamaram a atenção dos agressores e desde então eles começaram uma campanha para ignorá-lo. Quando Giulliano passava as meninas diziam que ele fedía, cheirava a estrangeiro”, relata.

Os pais, sempre atentos, informavam à direção do estabelecimento escolar sobre o dia-a-dia do filho e cobravam atitudes. Não foi o primeiro caso ocorrido na escola e eles resolveram criar uma sala especial para alunos que sofriam discriminações.

A partir de novembro, Giulliano se juntou a dois alunos sul-americanos e duas japonesas com problemas acadêmicos. Entretanto, o grupo não tinha acompanhamento

pedagógico integral. O número de aulas foi diminuindo progressivamente.

“No início tínhamos uma ou duas horas de aula, mas a partir de janeiro ficamos praticamente sem professores”, diz o garoto, que não vendo possibilidades de aprendizado, deixou de frequentar a escola.

No dia 31 de março, último dia do ano letivo, seus pais comunicaram à escola o desligamento definitivo. Giulliano optou pelo ensino a distância e está se preparando para provas de supletivo do primeiro grau.

Giulliano chegou ao Japão em dezembro de 1995, veio em companhia da mãe, Maria José, para se juntarem ao pai e ao irmão mais velho, Eliandro, 22, que já se encontrava no país há três anos. O garoto foi matriculado já no final

do ano letivo e concluiu a sexta série normalmente, em dois meses, entre fevereiro e março. “Não ouve tempo hábil para desentendimentos”, acredita o garoto. Em abril, matriculado no primeiro ano ginasial, os problemas começaram.

DESCULPAS

A direção da escola reconheceu o fato e se desculpou publicamente. Segundo o jornal *Yomiuri Shimbun*, o Ministério de Educação e a Junta de Educação Provincial de Tochigi repreenderam o centro educacional pelo descaso demonstrado no incidente, que ferre os direitos humanos.

No artigo do diário nipônico, Akira Manita, estudioso da crescente onda de violência escolar nas escolas japonesas, criticou a incapacidade acadêmica em enfrentar as situações de conflito. “Os colégios deveriam encontrar meios mais eficientes de ajudar os estudantes discriminados, que isolá-los em salas especiais”, disse.

A família Andreolli Oshiro declarou que não queria causar tanta polêmica. “Acho que a imprensa japonesa sempre quis discutir os casos de maus-tratos, mas faltava alguém para falar, já que não é hábito dos nipônicos reclamarem dos sistemas vigentes no país.

Desde que o caso foi noticiado não temos tido mais sossego. Só concordei em dar entrevista por saber que não se trata de um caso isolado”, afirmou Luiz.

Para os pais, nessas situações, o melhor é procurar apoiar o filho: “Viemos trabalhar no Japão, contudo não podemos nos afastar da família”.

Arte: Junior



“SEMPRE ADVERTI
MEU FILHO A NÃO
SER O PRIMEIRO
A BATER, MAS NUNCA
DEIXAR DE
SE DEFENDER”

Luiz Oshiro, pai
de Giulliano